

## A PEDAGOGIA MUSICAL NA/DA REVISTA *NOVA ESCOLA*

*Líliá Neves Gonçalves (UFU / UFRGS)*

*luiselilia@aol.com*

*Jusamara Souza (UFRGS)*

*jusa.ez@terra.com.br*

**Resumo.** Este trabalho tem como objetivo entender a pedagogia musical divulgada na/pela revista *Nova Escola*, periódico de ampla circulação nos meios educacionais brasileiros. Partimos do princípio de que a aprendizagem musical se dá em vários lugares e também no contato e interação com os mais variados materiais culturais. Pensamos que “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido” Giroux e McLaren (1995) e que a revista *Nova Escola* é um meio, um objeto cultural, capaz de circular conhecimentos avalizados ou não pela área de Educação Musical, criando, instituindo e divulgando pensamentos pedagógicos. Observamos que a pedagogia musical veiculada no conteúdo dos artigos que focalizam a aula de música na escola ou em projetos realizados fora da escola faz apologia à inovação na aula de música: uma aula de música não convencional, que seja prazerosa e que não seja necessariamente para formar o músico.

### **1– Introdução**

É corrente a idéia de que os indivíduos aprendem no contato e na relação com meios midiáticos como TV, rádio, internet, livros, imprensa periódica, dentre outros. Nesse sentido, “muito do que se conhece chega através [desses] meios” [...] “por que eles constroem uma imagem do mundo e por meio da qual construímos a nossa” (RAMOS, 2002, p. 18).

Quando se pensa nessas aprendizagens com a mídia vem sempre à cabeça TV, rádio, Internet, esquecendo-se, geralmente, da mídia impressa como meio potencial de interações e construções sociais no mundo em que vivemos. Sob essa perspectiva as revistas de circulação periódica assumem um papel de extrema importância na vida de alunos e professores de música.

No entanto, observamos o desconhecimento da área no que se refere não só ao conteúdo desses materiais, mas também das possibilidades e dimensões que as revistas periódicas adquirem no cotidiano da aula de música.

Segundo Souza (2000) pensar sobre as dimensões que esses objetos culturais adquirem na constituição de um discurso sobre os vários aspectos que circundam as relações

estabelecidas entre os indivíduos e a música, seja na sala de aula ou não, tem demonstrado que o “campo da Educação Musical tem se modificado visivelmente nos últimos anos” ... pois, existe um repensar sobre outras práticas de educação musical e uma necessidade de valorizar suas relações com a cultura e a sociedade (p. 174).

Nessa perspectiva, este trabalho se propõe entender a pedagogia musical divulgada na/pela revista *Nova Escola*, periódico de ampla circulação nos meios educacionais que, segundo Costa (2000, p. 74) consiste no “mais conhecido periódico dirigido ao segmento ocupacional do magistério” e vem se constituindo “como um importante veículo de divulgação de idéias e práticas pedagógicas junto aos professores” (FARIA, 2002)

Criada em 1986 pela Fundação Victor Civita a revista *Nova Escola* é tida como um periódico que não tem a pretensão de ser uma publicação pedagógica, sendo produzida por uma equipe de jornalistas e alguns profissionais de educação. Mas, para Anadon e Garcia (2004) “ela tem esse caráter [pedagógico] e é por muitos assim entendida e utilizada”. Na primeira edição (1986) Victor Civita afirmava que os objetivos da publicação eram:

fornecer à professora informações necessários a um melhor desempenho do seu trabalho; valorizá-la; resgatar o seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e proporcionar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º grau” (NOVA Escola, março de 1986, p. 6)

É importante salientar que ao longo de sua existência foram firmados acordos entre a Fundação Victor Civita e o governo federal para subsidiar sua publicação. Tendo em vista essa parceria alguns pesquisadores como Faria (2002) têm afirmado que seu conteúdo “revela uma espécie de sintonia do periódico com relação à ordem política e econômica vigente”, sendo, portanto “um dos veículos do discurso oficial das últimas décadas” (ANADON; GARCIA, 2004, p. 2).

Diante da representatividade dessa revista nos meios educacionais brasileiros torna-se importante conhecer “idéias” divulgadas em seu conteúdo. Falamos de “idéias” porque, segundo Giroux (2003, p. 119), apesar do discurso “não negar a existência da realidade material”, é problemático quando se pensa no significado que lhe é atribuído, ou seja, “como esse significado freqüentemente se traduz em efeitos materiais discerníveis”. Nesse sentido, Giroux (id, ibid) considera que o melhor é pensar sobre discursos como “ideologias ou simplesmente idéias”, que, por sua vez, não estão “inteiramente concretizados nas

estruturas da vida cotidiana” (p. 119). Sendo assim, buscamos neste trabalho entender as “idéias” que podem nos esclarecer a pedagogia musical divulgada na/pela revista *Nova Escola*.

## **2- Revisão bibliográfica**

Os conteúdos de revistas educacionais têm sido abordados sob as mais variadas perspectivas. Catani (1996) chama a atenção para as potencialidades dos estudos dos periódicos educacionais considerando-os “como fonte para o estudo da constituição e da dinâmica do campo educacional numa perspectiva histórica” (p. 115).

Alguns estudos específicos sobre a revista *Nova Escola* têm sido realizados sob a égide teórica dos estudos culturais, como os trabalhos realizados por Costa (2000) que focaliza de que maneira essa revista “opera na fabricação de uma representação do magistério como ocupação feminina e no exercício de processos de subjetivação das professoras” (p. 75); Marzola (2000) que analisa “o discurso sobre alfabetização da revista como constituidor dos seus significados, bem como constituidor das subjetividades de alfabetizadoras e de alfabetizadores” (p. 94); Rocha (2000) que busca compreender a revista *Nova Escola* como um veículo de comunicação social que apresenta e representa o espaço e o mobiliário escolares, através dos textos e imagens ali publicado” (p. 119); e o trabalho de Anadon e Garcia (2004) que problematiza “as formas como o trabalho escolar e docente e a identidade docente vêm sendo interpelados pelos discursos oficiais sobre educação veiculados na revista “Nova Escola” na última década do século XX” (p.1).

Todos esses trabalhos têm apontado que esse periódico expressa “modos de sentir e agir prenches de interesse particulares que se pretendem universais” (FARIA, 2002, p. 15-16), que sua narrativa está “implicada em processos de subjetivação e na constituição de identidades” (COSTA, 2000, p. 88). Portanto, este trabalho pode subsidiar nossas discussões na área de Educação Musical no que se refere aos discursos e propostas de ensino de música veiculados no conteúdo dessa revista.

## **3- Referencial teórico**

Neste trabalho partimos do princípio que a aprendizagem se dá em vários ambientes e locais, inclusive na escola. Steinberg (1997 apud RAMOS, 2002, p. 29) denomina a

educação que ocorre em uma “variedade de locais sociais” de “pedagogia cultural”. Esses também são chamados de “locais pedagógicos” que são aqueles “onde o poder se organiza e se exercita, tais como bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc” (apud id, ibid).

Sob essa mesma perspectiva, Giroux e McLaren (1995) afirmam que:

“existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum” (p. 144).

Nesse sentido, a pedagogia tem sido rejeitada como estando reduzida a “um método e a um conjunto de prescrições instrumentais e de dicas de ensino” (GIROUX, 2003, p. 106). Giroux afirma que é possível pensar a “pedagogia como um modo de investigação cultural que é essencial para o questionamento das condições em que o conhecimento e as identificações são produzidos, e certas posições de sujeito são adotadas ou rejeitadas” (p. 106).

Assim pensamos a revista *Nova Escola* como um meio, um objeto cultural, capaz de circular conhecimentos avalizados ou não pela área de Educação Musical, criando, instituindo e divulgando pensamentos pedagógicos compartilhados ou não pela comunidade acadêmica.

#### **4- Artigos sobre a aula de música na revista *Nova Escola***

Foram examinados os 173 números da revista *Nova Escola* desde sua criação em 1986. Até 1995 estava destinada a “professores do 1º grau”, de 1996 a 1997 foi inscrita como “a revista do ensino de 1º grau, de 1998 a 1999 como a “revista do ensino fundamental”, e de 2000 a 2004 como “revista do professor”. Observando o seu conteúdo essas mudanças se deram tendo em vista à proposta editorial da revista e à adequação à legislação educacional vigente no país.

Foi realizado no conteúdo de cada número um levantamento dos artigos, matérias, anúncios e notícias sobre a aula de música ou práticas musicais realizadas tanto na escola quanto fora dela. Foram encontradas menções à música na sessão “mural” como noticiais sobre experiências musicais em diferentes lugares do Brasil, divulgação de materiais (livros, cds, dentre outros) a serem utilizados na aula de música; artigos sobre música

popular brasileira na sessão “cultura”; abordagens de atividades musicais referentes à construção de instrumentos, de sensibilização sonora, além de outras, na sessão “brincando e aprendendo”; artigos sobre a utilização da música como um meio de aprendizagem de conteúdos das várias disciplinas do currículo, sobre música no contexto da aula de educação artística e sobre a aula de música propriamente dita que ocorre em projetos tanto dentro quanto fora da escola.

Além disso, a revista publicou dois fascículos denominados de *Parâmetros Curriculares Nacionais fáceis de entender* para o ensino de 1ª a 4ª série (Nova Escola, n. 118, 1998), e o outro para 5ª a 8ª série<sup>1</sup> (Nova Escola, n. 126, 1999).

Diante da variedade de referências encontradas selecionamos para essa análise os artigos que fazem referências à aula de música propriamente dita em projetos realizados tanto dentro quanto fora da escola.

Nos 173 números encontramos sete artigos que fazem abordagem da aula de música realizada em diferentes níveis de ensino e regiões do Brasil, sendo um artigo no ano de 1987, três em 1992, um em 1994, um em 1999, e o último no ano de 2004.

#### **4.1- Características dos artigos**

Os artigos que abordam a aula de música se caracterizam essencialmente por realizar relatos de experiências no ensino de 1º grau, bem como de projetos realizados em estados brasileiros como, Minas Gerais, Pernambuco e São Paulo.

Os critérios de escolha dos artigos não estão muito claros, mas fica evidente o aspecto da inovação que essas experiências apresentam. No conteúdo dos artigos essas inovações referem-se, especialmente, às iniciativas, aos princípios e às metodologias utilizadas, como por exemplo:

... se desenvolve um trabalho criativo no conhecimento e na intuição, e muito diferente da maneira convencional de ensinar música nas escolas de 1º grau” (Nova Escola, n. 16, 1987, p. 26).

Ali, dois professores provam ser possível ensinar música (e tudo que a cerca) da 5ª a 8ª série sem assustar ninguém. Pelo contrário: conquistando os alunos pela e para a música” (Nova Escola, n. 58, 1992, p. 20).

com um ensino objetivo, que dá prioridade à atividade da criança e do jovem, [os professores] superam aquele método antigo e antiquado de aprendizagem musical” (Nova Escola, n. 58, 1992, p. 20).

---

<sup>1</sup> Nomenclatura adotada nos referidos fascículos.

um trabalho no qual “o aprendizado se dá de forma concreta: primeiro, o aluno produz o som e depois o traduz para um código, ao contrário do método acadêmico...” “Nesse processo de musicalização, o estímulo é fazer música” (Nova Escola, n. 80, 1994, p. 25).

O artigo “Em compasso acelerado” inicia-se com “surpresa” de que “Doze dias após o primeiro contato com um meio-violino, instrumento de dimensões compatíveis com sua pequena estatura, Guilherme Hanato Santos, de 7 anos, já participava de um concerto para 4 mil pessoas” (Nova Escola, n. 80, 1994, p. 24). O sucesso desse empreendimento se deve “à utilização de métodos que estimulam a musicalização de modo diferente do processo tradicional” (id, ibid).

Todos os relatos de experiências estão estruturados a partir de depoimentos dos(as) professores(as) ou dos dirigentes dos projetos, além de referências a idéias de crianças envolvidas nas propostas apresentadas sobre a aula de música. O conteúdo dos artigos focaliza, principalmente, objetivos e princípios de ensino, procedimentos, atividades e conteúdos que são praticados nas experiências relatadas, sendo que em alguns momentos são citados alguns educadores que são referência na área como Violeta Gainza, Kodaly, Carl Orff, Martenot, Suzuki, dentre outros.

Os dois últimos artigos (Nova Escola, n. 122, 1999; e n. 173, de 2004) já não focalizam as experiências musicais em si, apesar de citá-las usá-las apenas para exemplificar alguns pontos de vista. Nesse sentido, já vemos a preocupação de explicitar princípios inclusive de “pesquisadores da área” (Nova Escola, n. 173, 2004, p. 57), de dar “dicas”, procurando “desfazer o mito de que é difícil ensinar música para crianças sem ser músico” (Nova Escola, n. 173, 2004, p. 57). Há, portanto, uma preocupação em “mostrar” ao professor o que tocar, como planejar a aula, quais atividades a serem realizadas.

#### **4.2 – Visões sobre a experiência musical**

Tal como está apresentada nos artigos estudados a aula de música quer seja na escola, quer seja nos ambientes em que a criança vive faz parte de um contexto amplo, pois “Na escola, a música melhora o aprendizado da criança, e na vida transforma sua maneira de sentir o mundo” (Nova Escola, n. 80, 1994, p. 25).

As experiências musicais realizadas fora da escola são utilizadas para “complementar a educação escolar com um instrumento de formação profissional e artístico-musical” (Nova

Escola, n. 60, 1992, p. 33). Já no ideário escolar as práticas musicais são apresentadas como “experiência para a vida”. Consideram que “mesmo que mais tarde as crianças abandonem o estudo da música, a vivência desses anos na escola não se perderá, pois elas estão passando por uma experiência estética que lhes ajuda a ver o mundo com olhos mais atentos e ouvidos mais abertos” (Nova Escola, n. 59, 1992, p. 49), indo adiante nos estudos “com uma cabeça definitivamente diferente” (Nova Escola, n. 58, 1992, p. 22).

Sob essa perspectiva é importante apontar que as experiências apresentadas nos artigos da revista *Nova Escola* sobre a aula de música “não [têm] pretensão de formar instrumentistas” (Nova Escola, n. 59, 1992, p. 49), mas são vivências que estarão “pelo menos favorecendo a sociabilidade” dos alunos (Nova Escola, n. 60, 1992, p. 33).

Dentro do princípio e da “idéia” de inovação é possível levantar algumas menções que podem ser elegidas como aquelas que corroboram para ilustrar e apontar argumentos em favor da aula de música da escola, ou fora dela, que estejam fora dos considerados padrões “tradicionais”, “acadêmicos”, das “formas antigas e antiquadas” de aprendizagem musical.

Dentre esses argumentos estão aqueles que defendem a necessidade de que a música seja ensinada como linguagem, que “não pode ficar restrita a eventos como festas e datas marcantes, mas deve ser uma prática diária” (Nova Escola, n. 173, 2004, p. 57).

Essa prática diária é defendida na medida em que se considera que a música “ajuda afinar a sensibilidade de seus alunos, aumenta a capacidade concentração, desenvolve o raciocínio lógico-matemático e a memória, além de ser um forte desencadeador de emoções” (Nova Escola, n. 122, 1999, p. 16), ajuda “desenvolver o intelecto, aprimora o lado afetivo das pessoas” (Nova Escola, n. 58, 1992, p. 20), sendo, portanto, “um ótimo canal para se aprimorar a noção de tempo, o ritmo e a memória, habilidades essenciais em todo o processo de aprendizagem” (Nova Escola, n. 59, 1992, p. 49).

Essas considerações são subsidiadas pela idéia de que a formação do aluno que não tem acesso à linguagem musical é incompleta (Nova Escola, n. 58, 1992, p. 20), pois a aula de música (canto, flauta-doce, movimentos corporais, de instrumentos de cordas, aprendizagem de repertório variados, etc.) “contribui para a formação artística e cultural do estudante, dando-lhe outro caminho para desenvolver a expressão e a criatividade” (Nova Escola, n. 60, 1992, p. 33).

Outros aspectos apontam para a idéia de propostas inovadoras das experiências relatadas. Verificamos o pensamento de que “é necessário enfrentar a barreira do medo e quebrar o paradigma do dom” (Nova Escola, n. 173, 2004, p. 57) e que “qualquer pessoa pode aprender música” (Nova Escola, n. 80, 1994, p. 24). Para isso são sugeridas atividades e procedimentos de ensino de música nas várias circunstâncias apresentadas sugerindo que o ensino de música “deve partir da vivência musical para então adquirir o conhecimento sistemático, a teoria musical” (Nova Escola, n. 58, 1992, p. 20) e que está “definitivamente superado o tempo em que o professor de música ficava à frente da turma dando aula de teoria musical” (Nova Escola, n. 122, 1999, p. 17).

Observamos a busca por um repertório variado nas aulas de música. É presente a preocupação do repertório associado à idéia de “resgate da memória na construção de identidades locais”, no sentido, inclusive, de ampliar os repertórios musicais dos alunos. As obras focalizadas são do cancionário folclórico, das ditas músicas erudita européia, popular brasileira e internacional. É corrente o princípio de que “é importante que a criança [ouça] de tudo: do erudito ao jazz, do folclore à MPB. (Nova Escola, n. 173, 2004, p. 57). Na execução das canções são utilizados sons de materiais variados, de instrumentos não convencionais, instrumentos construídos pelas crianças, ou os convencionais.

## **5 - Conclusões**

Tendo em vista os artigos analisados fica evidente a idéia de que as experiências relatadas estão associadas a um aspecto de inovação que está materializado, principalmente, no teor “ditos inovadores” de seus princípios, procedimentos, propostas e/ou iniciativas. É bom salientar que não nos detivemos na análise se eles realmente se constituem como inovadores para a área.

Mas, diante da idéia de que se aprende no contato com esse material seria importante um estudo do ressoar dessas idéias tanto na prática das escolas quanto nas discussões empreendidas no campo da educação musical.

Uma idéia presente é a da possibilidade de se ensinar música sem ser músico (Nova Escola, n. 173, 2004, p. 57). Não vem ao caso essa discussão aqui, mas é um aspecto divulgado e pouco conhecido que tem impactos não só políticos mas também em várias outras frentes e que a área, enquanto pauta de discussões, deve estar se ocupando.

Tal como está posto fica evidente uma pedagogia musical que faz apologia a uma aula de música não convencional, que seja prazerosa e que não seja necessariamente para formar o músico.

Nesse sentido, os vários aspectos levantados no conteúdo da revista Nova Escola demonstram ter capacidade de construir e constituir “padrões e referências sociais” que precisam ser estudados. Estudos estes que focalizem não só os demais conteúdos referentes à música na escola, mas, principalmente, se e como os professores se apropriam desses conteúdos veiculados na revista sob várias abordagens e construtos teóricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANADON, S. B.; GARCIA, M. M. A. Trabalho escolar e docente nos discursos educacionais da revista “Nova Escola”. In: Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e educação: poder, identidade e diferença, 1, 2004, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: PPG-ULBRA, 2004. Disponível em cd-rom.
- CATANI, D. B. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. Educação e Filosofia, v. 10, n. 20, p. 115-130, jul./dez, 1996.
- COSTA, M. V. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, M. V (org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 73-91.
- FARIA, G. G. G. de. A revista Nova Escola: um projeto político-pedagógico em andamento (1986-2000). 25ª Reunião Anual da Anped, Caxambu, 2002. Disponível em: [www.anped.org/25/ginaglaydesfariat05.rtf](http://www.anped.org/25/ginaglaydesfariat05.rtf). Acesso em: 6 de jul. 2004.
- GIROUX, H. A. Atos impuros: a prática política dos estudos culturais. Trad: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- GIROUX, H. A.; McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (orgs). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 144-158.

- MARZOLA, N. Os sentidos da alfabetização na revista *Nova Escola*. In: COSTA, M. V (org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 93-115.
- NOVA Escola. A música está de volta na voz das crianças. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano VII, n. 60, p. 33, set, 1992.
- NOVA Escola. Carta ao editor. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano I, n.1, p. 5, mar, 1986.
- NOVA Escola. Em compasso acelerado. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano IX, n. 80, p. 24-25, nov, 1994.
- NOVA Escola. Entre neste auê: dá pra brincar, dá pra aprender. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano I, n. 16, p. 26-29, out, 1987.
- NOVA Escola. Estudo dos sons reforça a identidade do nordestino. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano VII, n. 58, p. 20-22, jun, 1992.
- NOVA Escola. Folclore e flauta doce para crianças do pré-primário. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano VII, n. 59, p. 48-49, ago, 1992.
- NOVA Escola. Música, maestros! São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano XIV, n. 122, p. 16-20, maio, 1999.
- NOVA Escola. Música para aprender e se divertir. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), n. 173, p. 55- 57, jun/jul, 2004.
- NOVA Escola. Parâmetros Curriculares Nacionais fáceis de entender – de 1ª a 4ª série. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano XIII, n. 118, dez, 1998.
- NOVA Escola. Parâmetros Curriculares Nacionais fáceis de entender – de 5ª a 8ª série. São Paulo: Editora Abril (Fundação Vitor Civita), ano XIV, n. 126, out, 1999.
- RAMOS, S. N. Música da televisão no cotidiano das crianças: um estudo de caso com um grupo de crianças de 9 e 10 anos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- ROCHA, C. F. O espaço escolar em revista. In: COSTA, M. V (org). Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 117-142.

SOUZA, J. (org). Música, cotidiano e educação. Programa de Pós-Graduação em Música  
Mestrado e Doutorado, Porto Alegre, 2000.